

Resenha do livro:

LOMBARDI, José Claudinei. **Embates marxistas: apontamentos sobre a pós-modernidade e a crise terminal do capitalismo**. Campinas, SP: Librum, Navegando, 2012.

Resenha por:

Daniela Moura Rocha de Souza¹

Desirê Luciane Dominschek²

Wilson da Silva Santos³

O professor José Claudinei Lombardi é doutor em educação pela UNICAMP, e mestre em Sociologia Rural pela USP. Atualmente é livre-docente em História da Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Historiografia da Educação, História, Trabalho e Educação, Pesquisa em Educação. É coordenador executivo do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Dentre suas inúmeras publicações, nos deparamos com a obra *Embates marxistas: apontamentos sobre a pós-modernidade e a crise terminal do capitalismo* resultante da primeira parte de sua tese de livre-docência apresentada no ano de 2010 na UNICAMP, fruto de longos anos de pesquisa, na qual a sua importância e relevância se tornam imprescindíveis não apenas para os historiadores da educação, mas a todos aqueles que se interessem e atuam nessa temática se propondo a não pensar a educação de forma abstrata e sim como uma dimensão da vida dos homens que se transforma historicamente por meio das contradições do modo como o homem produz a sua existência.

Nas palavras do autor, o livro se debruça sobre os escritos de Marx e Engels, buscando esquadriñar a análise que fizeram sobre a educação e o ensino, no intuito de complementar os escritos dos teóricos acima citados, com o objetivo de entender melhor os fundamentos materiais da educação, a articulação entre modo capitalista de produção e a educação (p.7). Sendo assim, sintetiza a sua tese reafirmando que “a educação (e o ensino) é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida material, isto é, pela forma pela qual os homens produzem sua vida material, bem como pelas relações nela implicadas, quais sejam, as relações de produção e as forças produtivas [...]” (p.8). Com esse norte utiliza como opção política e científica o marxismo retomando os embates recentes que o mesmo tem se defrontado. Assim dividiu a obra em cinco capítulos intitulados: *Marx e Engels como ponto de partida...ou chegada; Pós-Modernidade e crítica a razão moderna; Ainda sobre a pós-modernidade: apontamentos sobre Jameson e Castoriadis; Marx morreu! Viva Marx!;* e finalmente *Marx manda lembranças: numa conjuntura marcada pela crise, Estados buscam salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas*.

Cada um desses capítulos traz em sua essência concepções filosóficas bastante densas e profundas em voltas da posição ontológica, gnosiológica e axiológica antimetafísica, trazendo os grandes pilares teóricos, pelos quais, historicamente, foi sistematizada a compreensão do homem sobre o mundo existente, sobre o próprio conhecimento e sobre as ações e valores humanos.

Citando matérias da Revista Veja logo na introdução da obra, o autor denuncia a ideologização e o despreparo intelectual desses registros, no que tange a apresentação de dados superficiais e precários sobre uma possível esquerdização e doutrinação dos alunos pelos professores defendendo que os mesmos estão sendo levados para o século XIX, e que

o comunismo destruiu a si próprio com misérias, assassinatos e injustiças. Essa pretensa “preocupação”, trazida na Revista, na realidade, sinaliza conforme elucidada Lombardi, a “apologética defesa da perspectiva oposta – isto é, na defesa do mais deslavado liberalismo e numa perspectiva declaradamente de direita. Não é preciso muito esforço analítico para demonstrar que o combate à doutrinação é feito através da doutrinação inversa” (p.12).

A partir desses prolegômenos, o autor manifesta grande preocupação com o rumo em que a educação vem sendo tratada, cujos debates que a circundam em nossa modernidade, em sua grande maioria se encontram, sobretudo, pautados no que ele denomina de “ondas novidadeiras” que nada mais são do que facetas do neoliberalismo a fim de reafirmar o Capital na sua mais nova denominação de Pós-modernismo.

Para descrever esse “refluxo conservador dentro do próprio modernismo” (p.24), Lombardi, mais precisamente no segundo capítulo da sua obra, define a pós-modernidade como sendo a expressão ideológica da base material capitalista, se constituindo assim numa perspectiva de profunda cumplicidade com a lógica do mercado e politicamente com a direita, sendo, pois, um fenômeno que expressa a cultura da globalização e da sua ideologia neoliberal (p.25-28).

Citando os expoentes dessa abordagem: Lyotard, Bauman, Lipovetsky, dentre outros, o autor elucidada que o ecletismo predominante na abordagem pós-moderna, se contrapondo a quaisquer matrizes filosóficas antecedentes que pressupõe o real, a razão, o conhecimento, o social, etc, “defende o irrealismo, o irracionalismo, a subjetividade desconstrucionista, hiperindividualista, niilista”, etc (p.29), se consolidando enquanto a “valsa do adeus”, uma “metamorfose ambulante”, “os efeitos bumerangues pós-modernos seriam: o individualismo exacerbado que conduz a desmobilização e despolitização das sociedades avançadas. Saturada de informação e serviços a massa dá uma banana para as coisas públicas, nascendo a indiferença, a apatia” (SANTOS apud LOMBARDI, p.30).

Lombardi, acrescenta que: “em lugar das grandes lutas, privilegia-se os movimentos com fins mais práticos, com isso se tem um indivíduo sincrético, de natureza confusa, indefinida, plural, feita com retalhos que não se fundem num todo.” (p.31).

No terceiro capítulo, prossegue o autor, com o tema da pós-modernidade, focando nos estudos de Jameson e Castoriadis, com o primeiro apresentando suas críticas eminentemente hegelianas se contrapondo a essa abordagem situando-a como um movimento historicamente lastreado e com o segundo como um intelectual considerado um dos principais filósofos franceses do século XX, que tecia “críticas ao marxismo real, ao totalitarismo soviético e teorizava sobre as instituições imaginárias da sociedade”. “Castoriadis se tornou uma figura intelectual de peso no cenário ocidental. Caracterizando a trajetória do autor como um “navegar contra”, cita um biógrafo que afirma que ele acabou navegando por todos os “mares”: da crítica ao marxismo à psicanálise” (p.37-38).

O capítulo que segue intitulado *Marx Morreu! Viva Marx!* Lombardi a partir de um mapeamento que fez sobre os principais posicionamentos em torno da problemática do marxismo, defende sua importância e relevância atual apresentando as contribuições de Marx e Engels sobre a construção da concepção materialista dialética, defendendo a busca de “premissas teórico-metodológicas da concepção materialista dialética da história, a partir, principalmente, das elaborações de seus fundadores e de autores clássicos, na perspectiva de analisar as obras em seu próprio processo de produção e tratando Marx e Engels em conjunto e não como produtores de concepções particularizadas: marxismo e engelsianismo” (p.54). Essa compreensão é fundamentalmente defendida por Lombardi, como também a da necessidade de se superar essa ideia do Marx Jovem e do Marx Adulto,

considerando que a obra de um autor, à semelhança de sua vida, é feita de continuidades e rupturas, e esse movimento contraditório não pode ser perdido de vista.

Outra questão também apontada por Lombardi que em suas palavras precisa ser mencionada é o esclarecimento de que ortodoxia intelectual não é o mesmo que dogmatismo religioso, e se apoiando em Gramsci ele defende a necessidade da ortodoxia uma vez que “há no marxismo um conjunto de pressupostos que se referem aos seus fundadores – Marx e Engels – e que estes são definidores dessa concepção, historicamente datada e situada. Ortodoxo no sentido de estar em conformidade com os pressupostos estabelecidos pelos fundadores da concepção” (p.69).

Prosseguindo sua análise a cerca da atualidade da concepção marxiana da história, o referido autor, no seu quinto e último capítulo *Marx manda lembranças...*, ele retoma o conceito etimológico de crise a fim de elucidar o capitalismo e sua grave crise, remontando aos primórdios do neoliberalismo (desde Hayec), até a sua propagação mais efetiva a partir do governo de Margareth Thatcher em 1970, desembocando na propagação da: globalização, pós-modernidade, e fim da história o que nas palavras do autor se constituíram como “instrumentos ideológicos da contra ofensiva do capital, mais precisamente do capital financeiro, notadamente de seu mais novo rebento, sedento por uma acumulação rápida e pura expressão do capital em seu ciclo financeiro de acumulação: o capital especulativo. Essa contra ofensiva usou de todos seus instrumentos políticos e financeiros para implementar seus objetivos fundamentais: derrotar a classe operária, bloqueando as possibilidades de sua ofensiva, inclusive desmantelando as estruturas, as instituições e as conquistas resultantes do Estado de Bem-Estar Social; reestruturar o capitalismo internacional, abrindo espaço para a livre operação do capital financeiro especulativo, das grandes corporações transnacionais e das potências capitalistas” (p.81).

Trazendo para a análise Hobsbawm, Lombardi, enfatiza que a esquerda passou a enfrentar a dura carpintaria da história, após o colapso da URSS, porém com as sucessivas crises que vem assolando o neoliberalismo e sua camaleônica tentativa de sobrevivência, recoloca Marx e Engels na pauta das discussões, demonstrando mais uma vez a atualidade de suas análises correspondentes ao prognóstico do modo de produção capitalista, reascendendo o entendimento da revolução e enquanto processo de transformação desses velhos escombros, e por isso o autor vem insistindo na necessidade de se abrir ainda mais o debate, a cerca da perspectiva de reconstrução revolucionária, para uma nova sociedade mais justa e mais igualitária.

Esse projeto revolucionário precisa estar presente sobretudo nos educadores para a luta de que todos os homens tenham acesso a uma educação para além do capital, que possam usufruir de uma educação crítica voltada para o entendimento da sociedade, nos conteúdos historicamente produzidos pelos homens no interior de uma perspectiva de política de transformação social” (p.100).

Lombardi com essa conclusão retoma a atual necessidade do debate marxista, apesar das ondas novidadeiras da pós-modernidade, oriundas do projeto de ideologização neoliberal burguesa, defendendo que a realidade é permanentemente histórica, está sempre em transformação e de forma dialética, sendo a revolução a categoria básica do marxismo que não dá para ser trabalhada sem a categoria luta de classes, assim como o conhecimento teórico dissociado da práxis.

Em suma, a obra de Lombardi, consistente e profunda em suas análises, já se constitui como uma referência necessária e imprescindível, não somente para os estudiosos e pesquisadores da área de história da educação, mas sim a todos os interessados em

compreender a concepção marxiana da história, no que tange a educação e sua transformação. Onde por meio de uma aula sobre a realidade, e sobre o método e conhecimento histórico, Lombardi deixa transcrito em cada linha apresentada a esperança de uma sociedade justa e igualitária, educada e produzida para além do capital.

Notas

¹Doutoranda em Educação pela UNICAMP, Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB, Graduada em História pela UESB. Membro do Grupo de estudos e pesquisa do Museu Pedagógico da UESB - A Educação Escolar com a linha de pesquisa cadastrada no Cnpq: Memória Geracional, Política Educacional e Trajetórias Sociais e Membro do Grupo HISTEDBR - História, Sociedade e Educação no Brasil na linha de pesquisa cadastrada no Cnpq: Historiografia e questões teórico metodológicas da História da Educação. danyopera@yahoo.com.br

² Doutoranda em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Professora de História e Historiografia da Educação da Faculdade Internacional de Curitiba. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Educação pela UFPR. É membro do HISTEDBR – GT UNICAMP. E-mail: desiredominschek@hotmail.com

³ Doutorando em Filosofia e História da Educação pela Unicamp. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XX, Brumado. Pesquisador colaborador do Museu Pedagógico, UESB. wisanvc@yahoo.com.br